

LAPE FAZ 30  
LEANDRO FAZ 70  
BERNARD FAZ 80



# Fontes

- Luiz Felipe Canto
  - Marta Barroso
- Ana Maria Senra Breitschaft
  - Valmar Carneiro Barbosa
    - Sergio Souza
    - Rosana Valente
- Ana Lucia de Moraes Santos
- Maximo Ferreira da Silveira
  - Jorge Gomes Dias
- Maria Antonieta Teixeira de Almeida
  - Odair Dias Gonçalves
  - Kazuyoshi Akiba
  - Bruno de Paula
  - Armando Aleixo

# Bernard

- “Foi convencido a, junto com a Antonieta, criar e coordenar o Ladif, o que fez (com ela) brilhantemente [quando voltei da Itália (ao final de 1996) ele me convenceu a ir dividir a coordenação do Ladif com a Antonieta]; lançou, quando era diretor, a pedra fundamental do IF no espaço que é hoje o prédio novo; antes disso, elaborou um projeto (visionário) para o prédio novo, que não é o que foi construído; embarcou no projeto de mudança da física básica, com aulas magnas etc, quando era diretor participou ativamente do projeto de reformulação da física básica.”
- “O Bernard foi o idealizador do LADIF. O projeto do Ladif (estrutura experimental ) foi dele. ”
- “Como outras pessoas existentes naquela época no if ele tinha um genuíno e altruísta interesse em fazer as coisas pelo if. Se mostrava muito feliz em ver o if melhorar. Foi assim com o laboratório de física aplicada, com o ladif e com a criação do grupo que começou a interação com o cern.

- “Foi o primeiro a se empenhar de corpo e alma, como é do seu feitio, pela construção de nosso Prédio. Conseguiu que a Reitoria contratasse uma firma de sondagem para prospectar o subsolo em um terreno, ao lado da faculdade de letras, para construção de nosso prédio. Me lembro dele e eu termos ido algumas vezes acompanhar esse serviço lá meio daquele mato. Nessa época, Bernard era o Diretor e eu o Vice-Diretor do IF. Também conseguiu a contratação de um escritório de arquitetura que desenvolveu um projeto arquitetônico para aquele espaço, bem diferente do atual. No nosso primeiro ano na diretoria do IF (1994/1997), nos dedicamos pessoalmente na preparação do FINEPÃO/95, consolidando todos os projetos de Departamentos e Grupos de Pesquisa da época. Foi um trabalho insano. Ficávamos até horas da noite, todos os dias, para dar conta desse trabalho. A lembrança traz marcada uma grande frustração, pois nessa época quando o projeto já estava na FINEP para avaliação o MCT, na gestão do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, cortou todos os projetos FINEP Institucionais. ”

- “Bernard sempre foi muito querido, muito ativo e extremamente presente. Formava com o Máximo, com o Felipe Canto e com o Leandro (diretores adjuntos de pós e de graduação, se não me engano, durante a gestão do Bernard) um time bastante ativo. Durante a gestão do Bernard (e temo aqui estar confundindo um pouco seu período como vice com o período como diretor efetivamente) algumas coisas, além do pontapé inicial para o prédio, foram criadas e eu achava bastante interessantes, como as câmaras setoriais (1, graduação; 2, pós e 3, assuntos administrativos) que agilizavam as questões que tinham de passar pela Congregação, assim como houve o ingresso de um grupo grande de professores titulares (vindos da PUC, em maioria).”
- “Bernard fez muita coisa...Foi criador do Laboratório de Física Aplicada...Foi responsável pelas primeiras obras nos laboratórios de física experimental do básico. Reformulou. Arrumou tudo. Montou bancadas novas. Participava muito dos laboratórios dando idéias, que nem sempre funcionavam...

Jogava rugby...Lutava judô...

Essa homenagem ao Bernard é super merecida, ele fez muito pelo Instituto de Física. Era uma cabeça pensante que não tinha medo de errar. Pensava as coisas e colocava todo mundo para trabalhar.

Era uma pessoa acolhedora. Queria reunir todo mundo. Foi o melhor chefe de grupo que eu conheço.”

- “Em minha opinião, o CEDERJ foi um iniciativa de grande sucesso para a educação superior no estado do Rio de Janeiro. Na área de Física, os laboratórios didáticos são, a meu ver, o ponto alto. Utilizamos nossa experiência com o LADIF para desenvolver kits para experiências simples e interessantes (foram fundamentais as contribuições de alguns professores, como a Antonieta e Marta). Neste ponto, foi fundamental a colaboração do Prof. Bernard Maréchal. Ele atuou como uma interface entre nas necessidades dos laboratórios didáticos e empresas que construíram o material Didático para nossas experiências.”
- “Disse que estava um lixo, amassou, jogou no lixo e mandou fazer outro. Na minha turma também (mas não comigo) ele disse pra um aluno que se ele ligasse os pontos do gráfico de novo, o Bernard ia se materializar e fazer ele comer o papel.”

# Leandro

- “Participou dos cursos de Física básica durante muito tempo (física 1, engenharia, década de 80) participou da elaboração do projeto de licenciatura em física (noturno) que começou em 1993 reformulou as salas do terceiro andar (transformou os anfiteatros em salas pequenas, "para impedir turmas imensas")
- inventou as disciplinas FIW que fizeram com que a implantação da chamada "lista única" do IF fosse finalizada (depois de inúmeras idas e vindas)
- em 1997, com Bernard, fez a reformulação da Física 1 - curso com Gregório, aulas magnas, integração teoria-experimental, etc (a ponto de ser excluído pela Engenharia de qualquer discussão sobre o ciclo básico), os materiais didáticos deste curso integrado existem até hoje na minha página em ~ 2000, com Felipe Canto, começou a participar da montagem do curso do CEDERJ - ele era o vice do Felipe na coordenação, “e montou a comissão que elaborou o curso - Felipe Canto, ele, Antonieta e eu”.

- “Foi o Diretor de Graduação nessa época de diretoria (1994/1997). E me lembro bem de seu empenho obstinado pela preservação da Lista Única de escolha de disciplinas do IF, contra as fortes pressões da Escola de Engenharia (hoje Politécnica) para implodir esse processo, original e pioneiro (se não me engano) na UFRJ e que ainda é recente em nosso Instituto. Certamente os colegas mais jovens não sabem que antes da Lista Única, as disciplinas pertenciam aos departamentos e a distribuição da carga didática era feita pelos professores do departamento e homologadas em seu CD.”
- “O que o Leandro fez de mais importante foi a questão do CEDERJ. Ele que levou a frente, a parte mais burocrática foi ele quem fez.”
- “Leandro e que ele é uma pessoa bastante agradável de conviver e com uma capacidade muito grande de gerenciamento.”

- “Inicialmente, o CEDERJ tinha que vencer a desconfiança que a comunidade tinha em relação a cursos a distância. Como uma tentativa de minimizar esta tendência, o Prof. Carlos Bielschowsky convidou pesquisadores bastante ativos (basicamente pesquisadores 1 A do CNPq) para coordenar as diferentes áreas de conhecimento. Eu fui convidado para coordenar a área de Física. Achei muito interessante a começar um curso "do zero", onde poderíamos valorizar a Física Experimental nos polos regionais e integrá-las com teoria. Entretanto, eu considerava insuficiente minha experiência no programa de graduação. Então condicionei minha aceitação à possibilidade de ter um vice-coordenador com este consultei o Leandro sobre a possibilidade de ele assumir esta função. Ele concordou, o Carlos Bielschowsky aceitou a minha condição e começamos a desenvolver o curso de licenciatura a distância em Físicas e as disciplinas de física para os outros cursos. Montamos então uma equipe de coordenação formada por nos dois e mais alguns professores (com destaque para a Antonieta e para a Marta) e começamos a convidar professores para desenvolver conteúdo das disciplinas e coordenar sua implementação.”

- “Ao longo dos anos, o CEDERJ foi crescendo e a área de Física foi avançando. Fiquei como coordenador até o ano de 2014, quando me aposentei compulsoriamente por idade. Embora formalmente eu tenha coordenado o CEDERJ por cerca de 15 anos, o papel do Leandro foi incomparavelmente mais importante que o meu. Embora eu tenha representado a área de Física nas reuniões de coordenação do CEDERJ, e em atividades burocráticas o Leandro foi a real liderança na implantação da área de Física.”
- “Projeto de reformulação das físicas básicas, com a introdução de aulas magnas ao invés de aulas repetidas para diferentes turmas. E preciso ter muito cuidado com esse ponto pq houve um racha na engenharia com a física. Usaram esse sistema como bode expiatório pois eles queriam avaliações fragmentadas (e não unificadas) para poder pressionar os professores por aprovação pois queriam alunos no profissional e não represados no básico. Isso por causa da GED pois, para ganha-la, precisavam de alunos... Foi uma grave crise com a engenharia. No entanto, o projeto pedagógico era, obviamente, muito bom. Tanto e q e usado em todo mundo!.

Leandro e Bernard eram Batman e Robin”